

4ª Parte

Discursos

Nós Fazemos... E amamos!

Eduardo Campos

(Discurso de comemoração dos 103
anos da Academia Cearense de Letras)

Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

A Academia Cearense de Letras que prazerosamente, nesta data, alcança a excelsa longevidade de seus bem vividos 103 anos de profícua atividade cultural, formou-se, por mais paradoxal que seja a afirmativa, não por uma plêiade de escritores ficcionistas, ou literatos em convencional e boa conceituação, mas por homens de estudos e prospecções científicas e sociais, pois aqueles anos, de 1890, foram dias em que a sabedoria - em seu mais amplo sentido - e a oratória, adite-se, destacavam os homens em suas manifestações de *intelligentzia*.

Daí, não de raro, no exercício de atos religiosos (mais que nos de cunho político) a presença de grandes oradores, de exemplo e a nosso interesse, por agora, a figura do inspirado e culto Pe. Chevalier (Pedro Augusto Chevalier, francês), respeitadíssimo mestre do Seminário da Prainha (estabelecimento de ensino de que nos ocuparemos a seguir), e voz aclamada nas homilias que praticava qual a da chamada Procissão do Encontro, levando a multidão piedosa às lágrimas.

Barthes, assumido ideólogo da metalinguagem, considerava a literatura "*feita com a mão e não com a voz*".¹

¹ Irene A. Machado, *O Romance e a Voz* - a prosaica diabólica de Mikhail Bakhtin. Imago, São Paulo: p. 96, 1995.

Com a mão, ele queria dizer, *escrita*. Desse modo dito, e sob esse conceito, exercitada a urdir os caminhos da literatura, quando em toda formação cultural a escritura nada mais era que um simples “*ato oposto à voz*”.

Apresso-me em vos acalmar:

Não me anima a intenção de discorrer sobre assunto tão controverso - controverso, repito, e na verdade rebarbativo - ou me alongar em conceitos que poderiam entender-se ou a comprometer, infelizmente para mim, o trânsito de meus próprios sentimentos.

Mas vale mencionar no entanto, que o sentido da manifestação (podemos antes dizer: exteriorização oral), de que se serviu a Academia Cearense de Letras em seu nascedouro, terá sido valioso componente (conquanto desperdiçado) para o fortalecimento do ciclo ficcional do romance cearense, já em fase de alentada gestação, circunstância que me torna perfilhado à opinião de Paulo Zunthor (aludido por Irene A. Machado), a interpretar a voz como o “*outro* da escritura, conceito que chama a atenção para o aspecto da relação entre oralidade e literatura” (sigo citando), “em que não existe domínio de uma sobre a outra, mas ambas fazem parte de um mesmo fenômeno.”⁽²⁾

A voz com todo seu fascínio e animação sonora, modulada pela emoção não apenas religiosa mas artística, criadora, soava a esses dias, em toda plenitude, no Seminário Episcopal do Ceará, na Prainha.

A 8 de dezembro de 1892, em abono dessa análise (seria pretensão aludir à tese), em comemoração solene “corre publicado em folheto” - está referido dessa forma - “uma série de discursos e poesias pronunciados” no auditório da casa por alunos, e no caso seminaristas, e mestres.

“Jamais se vira...” - testemunha documento lançado em álbum comemorando as “bodas de ouro” da instituição - “tal variedade de discursos e poesias não só nas línguas vivas mais conhecidas: português, francês, italiano, espanhol, inglês, alemão, como também nas línguas mortas: latim, grego, hebraico e até (pasmem os senhores, comentamos à parte) no dialeto selvagem do tupi-nhenhengatu.”⁽³⁾

² Irene A. Machado. *O Romance e a Voz - a prosaica diabólica de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Imago. 1995, p. 96.

³ - “*Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará*”, Fortaleza, Ceará, 1914, p. 119-120.

Fácil concluir: a tendência das lideranças quer religiosas, quer leigas, decidiam-se a esse tempo sensibilizadas pelos temas de afeição às letras, inserindo no papel, concerta consciência formal, aquilo que já não parecia estar apenas bem alocado na vã oralidade das salas de estudo e meditação.

Dias aqueles, ora lembrados, de fervorosa aplicação intelectual, sem sombra de dúvida, quando os fiéis iam à Igreja X pela manifestação cultural transcorrente aí em sermões bem estudados e melhor recitados, alguns realmente grandiosos, como os do Magnífico Reitor do Seminário, Pe. Júlio Simon, altanado o pregador, de modo irretocável, na alocução do Sermão da Paixão e no do Mandato, proferidos ambos na antiga Sé, a comover a multidão.

Escrevia-se ainda, em maior porção, com a voz, volto a insistir, pois a voz, durante anos e anos, possivelmente por décadas seguidas, foi ainda opção de mais aplicação no curso da criatividade literária dos homens de inteligência da província.

Mas a Academia Cearense de Letras se inaugurara.

De pé, já se impunha conquanto não se desse conta de suas reais possibilidades, o que só iria acontecer anos por diante, cinco ou seis, em situação ensejada pela providencial participação de Rodrigues de Carvalho - que inspirou essa ocorrência sem dúvida alguma, direcionando o sodalício, para o exercício prioritário da literatura, e desse modo a desfazer assim a legenda que instigava a seus companheiros de sodalício, vaidosos e satisfeitos, a identificação de confessos "trabalhadores da Ciência" .

Disso tudo, resgatando em primeira mão esses idos, cuidei em discurso na marca do centenário desta Casa, peça de reflexão e pesquisa a que denominei "Subsídios (indiscretos e amenos) à história da Academia Cearense de Letras" .⁽⁴⁾

Adolfo Caminha, Rodolpho Theóphilo, Antônio Sales, para citar apenas alguns escritores de considerável atuação à época da fundação da Academia, não foram chamados a tomar assento na nova confraria de letras e estudos. Não eram, na realidade, sob o critério da época, "trabalhadores da Ciência."

⁴ Eduardo Campos. *O Inquilino do Passado*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, UFC, 1996, p. 115 e ss.

Mas nem tudo mudou, e creio já ter insinuado linhas atrás, com o ingresso de Rodrigues de Carvalho, autor muito aplaudido e considerado pela publicação de *Prismas*, seu primeiro livro de poesias.

Permito-me, com a aquiescente benevolência dos que me honram com sua audiência, repetir o que antes escrevi.

“Entrando para essa Casa a 23 de maio de 1897, em seu discurso de posse, Rodrigues de Carvalho percorre de Victor Hugo a Baudelaire, e sempre, como se fosse um *leitmotiv*, a ressaltar - e talvez na realidade acontecesse pela primeira vez naquela sociedade de homens assumidamente cientistas - a importância do exercício poético.”

“Ser poeta” - referia com empolgação o novel acadêmico - é condição do indivíduo entesourar em si, dentro de si mesmo, “todos os encantos da natureza, ímpeto da vaga e remanso do lago.”⁽⁵⁾

Coincidentemente, e a amoldar-se ao encaminhamento de nossas idéias, seguem-se por então uns tantos anos em que avultam na estatística das publicações, a que se pode chamar de “síndrome das plaquetas”, múltiplos folhetos circunstanciais, assim como também pequenas obras cuidadosamente elaboradas, muitas naturalmente de poucas páginas mas de confortadoras mensagens dirigidas aos nossos sentimentos, que, convém lembrado a tempo, não é o tamanho do livro ou seu alentado número de páginas que há de concorrer para engrandecer o labor literário.

A “Teoria da Relatividade”, que conferiu novo rumo à Ciência, foi impressa pela primeira vez em apenas 15 páginas...

Continuando.

A pouco e pouco tornar-se-ia moda a publicação desses pequenos volumes de ocasião, dentre os quais transita o curioso e importante estudo de Zacharias Gondim: *Traços Ligeiros sobre a Evolução da Música no Brasil, Especialmente no Estado do Ceará.*, edição de 1903.

Nesse tocante o primeiro quartel do século confirma a valorização da palavra transposta para o papel. Assim vão-se sucedendo *Ode Republicana* e *A Tortura do Artista*, trabalhos escritos por Carlos

⁵ In *Revista da Academia Cearense de Letras*, t. 16, Fortaleza: 1897, p. 460.

Gondim (1913, 1915); *No Silêncio da Noite*, de autoria do poeta Mário da Silveira (1916); *Dentro do Passado*, estréia de Otacilio de Azevedo (1916); *Manifesto*, trabalho assinado por Carlos Vasconcelos (1915); *A Mulher e sua Cultura Cívica*, pesquisa do escritor Mário Linhares (1917); *Juvenal Galeno*, “consagração da intelectualidade cearense contemporânea no seu 83º. aniversário natalício” (1919), coleção de conceitos elogiosos expendidos por Barão de Studart, Thomaz Pompeu, Irineu Filho, Antônio Sales, Alf Castro, José Sombra, Cruz Filho, Mário Linhares, Leonardo Mota, Rodolpho Théophile, Clóvis Monteiro, Ulisses Bezerra, Saboya Ribeiro e Tancredo Moraes.

Esses, a toda certeza, já não mais se consideravam “trabalhadores da Ciência...”

Por esse mesmo quartel de século, a bafejo dos novos dias vividos pela nossa Academia, hoje louvada ao ensejo de seus 103 anos, seguramente chegaram às mãos dos leitores pelo menos mil títulos em folhetos, ou sejam, edições de pequeno formato, confeccionados nas mais diversas tipografias da cidade.

Nem pensar em exagero do expositor.

O inexcusável bibliófilo cearense João Carlos possui pelo menos quinhentos opúsculos dessa valiosa safra da criatividade literária do Ceará, coleção que vai desde opulentos pronunciamentos jurídicos (inclusive sentenças, etc) até os mais discutíveis problemas atinentes à nossa sofrida geografia humana.

Vem a interesse, do que se menciona agora, relatar:

Nem sempre o autor se exercita nas letras, de todo desembaraçado da influência científica aurida em sua formação associativa, circunstância que, a toda certeza, viu o seu momento de maior presença pelos anos que se seguiram ao da instalação da Academia, em 1894.

O *cientificismo*, se com essa liberdade de expressão posso referir, ainda prospera até em anos mais próximos de nós, como se dá com o inusitado estudo do sr. Newton Craveiro, intitulado *Quem é o Sertanejo?*, dissertação de cunho sociológico e em cuja primeira parte analisa com ar professoral o fenômeno do “atracionismo”.

A obra em brochura, com mais de cem páginas, foi impressa na Tipografia Comercial, de Fortaleza, em 1916.

Para o autor, às páginas tantas de seu trabalho, os descompassos do amor nas criaturas amarram-se em “sério motivo”, circunstância que ele traduz como decorrente da “inconstância da alimentação”, curiosa interpretação robustecida na tese, por ele defendida, de que o amor verdadeiro, aquele que fica para sempre por manifestar-se com firmeza, é resultado de um bom regime de alimentação.

Sob a compreensão desse sociólogo, em que reponta um decidido inimigo dos carnívoros, o indivíduo vegetariano deve ser o único homem capaz de ter amor duradouro, quase eterno.”

Triunfante, adiante arremata: “Não se indagou se Romeu e Julieta tinham regime de alimentação definido. Estou quase a afirmar *a priori* que eram vegetarianos...” ⁽⁶⁾

Mas, por outro lado, na opulenta coleção de folhetos editados com tamanha profusão de títulos, destacáveis já em 1921 - mais próximo de nossos tempos - os deliciosos versos de Antônio Furtado em *História azul*, irrepreensível trabalho gráfico produzido pelas oficinas de A.C. Mendes, de Fortaleza, editores do jornal *Correio do Ceará*.

E por igual não se pode deixar de lembrar a primeira palestra pronunciada pelo escritor Antônio Sales, “proferida no salão do Círculo Católico, na noite de 2 de outubro de 1918”, outra publicação de responsabilidade de A.C. Mendes.

Pelo que se descreve nesse folheto (denominado Leituras) vê-se que a cidade perseverava na atividade literária em moldes de encontros lítero-musicais, cujas reuniões, muito bem freqüentadas, tinham por fecho de ouro, qual o dessa noite de cultura, damas da sociedade exibindo seus dotes artísticos a exercício instrumental de bandolins, flautas e piano.

Nesse dia mostrou seus predicados em público pela primeira vez o violinista Edgar Nunes, nome a firmar-se depois, bastante conceituado nos meios artísticos de Fortaleza, e destaque ainda,

⁶ Newton Craveiro, *Quem é o Sertanejo?*, 1ª parte, O Atracionismo, Tip. Comercial, Fortaleza: 1916, p. 70, 71.

pelos anos quarenta, como primeiro violino na Orquestra de Câmara da Ceará Rádio Clube.

Pelo comparecimento de pessoas importantes (Presidente do Estado e família; Secretário do Interior; Chefe de Polícia etc., como registrado aos jornais na oportunidade) pode-se avaliar o nível social de quantos acudiam a participar das sessões solenes da Academia Cearense de Letras.

Se o Instituto do Ceará, do qual decorreu em feliz clonagem a criação da Academia, ao longo de sua atividade cultural firmou entre nós decidida e aplaudida preocupação pela pesquisa histórica, a Academia não apenas estabeleceu nova vertente de interesse intelectual, mas concorreu para estimular a convivência da sociedade cearense com as artes e as belas-letas.

Pelos últimos anos, ao trajeto da voz para a mão, a exercício de efetivar a escrita, pensamento exteriorizado graficamente, algo de perturbador aconteceu com o advento avassalador dos novos dias já admitidos por alguns como a realidade da “idade informática planetária.”

Sobram razões a Félix Guattari quando adverte:

“Nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afetos, de narratividade pode, daqui para a frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da “assistência por computador”, dos bancos de dados, da telemática, etc.” ⁽⁷⁾

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Não vos queria inquietados a essa visão apocalíptica que promete daqui por diante o binômio homem-máquina.

Às vezes não ficamos apenas inquietos, mas assustados, diante do avanço tecnológico da multimídia. E quando se dá assim, como por agora, convém lembrar: quando circulou o primeiro volume da “Enciclopédia” de Diderot, façanha extraordinária da fase do Iluminismo do Século XVIII, uniram-se contra esse prodigioso trabalho pioneiro da cultura uma grei considerável da sociedade repre-

⁷ Félix Guattari, “Da produção da subjetividade”, in *Imagem máquinas*, a era da tecnologia virtual, org., por André Pimentel, Ed. 34, Rio: 1993, p.177.

sentada pelos “defensores das velhas ortodoxias e do Antigo Regime”, e mais, pelos “jesuítas, jansenistas, Clero, o Parlamento de Paris, o Conselho do Rei e o Papa” conta Roberto Darnton.⁽⁸⁾

Nos dias atuais a caneta, o lápis, a borracha, tudo isso está inserido no computador, que passou a exercer, como quer Kerckhove de Derrick, “profunda influência cultural, tão mais profunda na medida em que é ao mesmo tempo um órgão de comunicação de massa e um meio de expressão pessoal.”⁽⁹⁾ Tudo graças ao código binário que, segundo ainda o autor de quem nos acudimos, “se presta a todas as transcrições - trata-se de formas, texturas, sons, sensações, até mesmo odores, e, em breve, inclusive sabores.”⁽¹⁰⁾

Mas se o escritor, como me animo a entender, é criatura não alienada de seu tempo, não pode de modo algum isolar-se, nem se retrair ante o avanço irreversível da informática, a pontificar já em todos os momentos da existência humana, e a comparecer vitorioso às salas de aulas onde substitui o professor, e, como se não bastasse, pronto à disputa de intrincados jogos de raciocínio e lógica, sendo capaz de aplicar xeque-mate em campeão mundial de xadrez.

Senhoras, Senhores,

Mas vem ao caso considerar que caberá sempre ao homem de letras, ao homem de espírito, enfrentar a realidade proposta pelos novos dias.

“A experiência de tempo na era atual consiste sobretudo numa consciência do momento em que nos encontramos: numa consciência do presente”, adverte Arnold Hauser, para arrematar:

“Tudo que é tópico, contemporâneo, tudo que está estreitamente unido no momento presente é de especial significação e valor para o homem de hoje.”⁽¹¹⁾

O mundo com o qual nos deparamos - prossegue Hauser -, está saturado da atmosfera do presente imediato, assim como a Idade

⁸ In “Correio” da UNESCO, setembro de 1988, p. 28,29

⁹ In “Correio” da UNESCO, abril 1995, p 19.

¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹ Arnold Hauser, “Hist. social da arte e da literatura”, São Paulo: Martins Fonte, 1995. p. 975.

Média se caracterizava por um atmosfera sobrenatural, e o do iluminismo por uma atitude de esperança no futuro.”⁽¹²⁾

Entra aqui uma *palavrinha* nomeada por Federico Mayor em crônica para a UNESCO, em abril de 1995: *reinventar*.

Reinventar (...) é saber redescobrir a fonte e a semente; é atrever-se a plantar de novo o grão com o gesto decidido e lúcido do semeador, no campo do nosso futuro comum, ao qual só dá sentido o propósito de compartilhar”.

Portanto, *reinventemo-nos*.

Nossa missão com toda certeza é de respeito ao passado mas também de solidariedade ao presente.

Perdoai-me se vos afligi ou fui extemporâneo com essas idéias neste dia memorável, marca de nossa juventude perene.

É que o instante me pareceu azado para vos dizer essas palavras, consciente de que, felizmente, o poder de decisão, de idealizar e criar ainda pertence ao homem.

As máquinas fazem.

Nós fazemos, e amamos.

¹² Idem, ibidem.